



## **IMPLICAÇÕES SOBRE AS TRANSMISSÕES E SUCESSÕES GERACIONAIS NUM CONTEXTO FAMILIAR ALEMÃO**

SILVA, Marina da Cruz  
*Professora do Curso de Serviço Social -UFBA*  
*Doutoranda em Ciências Sociais*  
*marinacruz@hotmail.com*

293

### **RESUMO**

Este escrito objetiva analisar as relações geracionais de uma família alemã, precisamente em Nürnberg, procurando desvendar as principais implicações do “vácuo geracional” com a morte dos membros da primeira geração. Os procedimentos metodológicos utilizados basearam-se, em primeiro lugar, na observação participante, contatos constantes e convivência da pesquisadora com a família em destaque, durante o período compreendido entre 2001 e 2011. Ademais, os membros da segunda e terceira geração responderem a um roteiro de entrevista com 15 perguntas abertas. Os depoimentos revelam que o “vácuo geracional” trouxe várias implicações para as duas gerações sucessoras, sobretudo no que se refere às transmissões afetivas e aos diferentes tipos de apoio, causando um sentimento de incerteza e de (des)continuação nas chamadas “tradições familiares”, a exemplo da Páscoa, Natal etc.

**Palavras-chave:** geração, gênero e família.

### **ABSTRACT**

This paper aims analyzing the generation relationship of a German family, which lives in Nürnberg, trying to point out the main implication of the “generational vacuum” caused by the death of the members from the first generation. The methodological procedure used were participant observation, constant contact and interaction of the researcher with the family, during 2001 and 2011. Besides this, the members of the second and third generation respond to a structured interview with 15 open questions. The answers reveal that the "generational vacuum" brought several implications for the two succeeding generations, especially in relation to affective transmissions and different types of support, causing a feeling of uncertainty and (dis)continuation of the so-called "family traditions", such as Easter, Christmas and so on.

**Keywords:** generation, gender and family.



## INTRODUÇÃO

O presente escrito procura analisar as relações (e os relacionamentos) familiares num (então) contexto trigeracional de uma família alemã, incluindo a perspectiva dos filhos (G-2) e a dos netos (G-3) no que diz respeito à importância e ao papel dos membros da primeira geração (G-1) na transmissão de bens simbólicos e culturais. Nesse sentido, o foco do estudo volta-se também na tentativa de compreender os impactos da morte recente e quase que simultânea dos membros da primeira geração. Em linhas gerais, interessa-nos compreender e a analisar o papel das pessoas velhas no seio familiar, na tentativa de desvendar “o concreto vivido” por pais, filhos e netos numa família de classe média alta, atentando para as possíveis lacunas e ou continuação de valores e experiências por parte das duas gerações sucessoras.

Contrariando o foco comumente dado no estudo das gerações aos jovens/ou à juventude, o presente escrito, ainda que tenha como base o discurso de sujeitos adultos e jovens, volta-se para compreender o papel das pessoas velhas no âmbito das relações familiares (e sociais). Portanto, ainda que os sujeitos da pesquisa não sejam diretamente pessoas velhas, toda a análise do material coletado visa a compreender o processo de transmissões entre as três gerações, focalizando o papel da primeira geração em relação às demais.

Gostaria de ressaltar que se trata de um estudo de uma família alemã, residente na cidade de Nürnberg, cujos membros da primeira geração eram constituídos por uma idosa de 88 (falecida em 31 de dezembro de 2012) anos e um idoso de 85 anos, falecido em 19 de março de 2013. O casal possuía 02 filhos, tendo o mais velho 58 anos e o segundo 56 anos. O primeiro filho possui duas filhas, uma de 22 e outra de 20 anos. O caçula tem 2 filhas, sendo uma de 21 anos e a outra de 18 anos e um filho de 20 anos. Graças à longevidade, filhos e netos tiveram a chance de conviver bastante tempo, isto é, por no mínimo, 18 anos. Essa longa e histórica convivência familiar pode ter contribuído para um processo de maior (re)aproximação, (des)ligação afetiva entre os membros da G1 para com a G2, e da G1 para com a G3 e vice versa. Essa constatação é visível na fala da neta de 21 anos: “*Eles sempre estavam lá para nós. Sempre se importavam conosco e nos deram um segundo lar*”. (LUIZA, 21 anos).

Reconhecendo os limites e as possibilidades, inerentes a quaisquer estratégias de pesquisa, buscou-se investigar o fenômeno da relação e do relacionamento intergeracional dentro do contexto da vida real dos sujeitos. Para tanto, gostaria de ressaltar que este estudo



tem como fundamentações metodológicas o uso da técnica da observação participante, iniciada desde os primeiros contatos e convivências com os membros das três gerações, no período compreendido entre agosto de 2001 a outubro de 2005. Além de contatos via correio eletrônico, viagens anuais, com estadia de mais de 2 meses na casa dos membros da G1, entre os anos de 2006 a 2011. A partir de 2012, os contatos resumiram-se às correspondências via meio eletrônico.

Para analisar de forma mais específica o papel da primeira geração no que concerne à transmissão de bens materiais, sociais e culturais para as gerações sucessoras, elaborou-se um roteiro com 15 perguntas abertas, o qual foi endereçado aos dois filhos e aos cinco netos em abril de 2013. É preciso frisar que esse tipo de instrumental não teve muita receptividade entre os netos, tendo sido respondido apenas pela segunda neta mais velha. A causa da baixa receptividade pode ser explicada pela então recente perda dos avós, e a dificuldade dos netos em se defrontarem com a morte e a finitude humana. Além disso, foram considerados os discursos escritos pelos filhos e netos, proferidos durante o velório<sup>1</sup> dos respectivos pais e avós.

Quanto aos procedimentos para a análise dos dados coletados, em especial os depoimentos coletados, via roteiro de entrevista, e o discurso por ocasião da cerimônia do velório dos membros da primeira geração, fizemos uso da técnica da análise de conteúdo qualitativa à luz de Mayring (1994), para quem, a mesma deve estar atrelada à estrutura e ao significado do texto (MAYRING 1994, 2000). De acordo com Mayring (2000), essa técnica de análise de dados obedece, basicamente, a três fases: 1) transcrição, 2) leitura do material produzido com vistas à elaboração sistemática do material e a 3) categorização. Essa última, etapa, por sua vez, baseia-se em três passos, a saber: 1) definição das categorias, 2) extração de exemplos de ancoragem e 3) estabelecimento das regras de categorização.

Feitas essas considerações, é importante destacar brevemente às contribuições de Attias-Donfut (1988) quanto ao termo geração familiar, o qual difere de geração social. “Se se refere à família, o critério de pertencimento a uma geração não é dado pela idade ou pela participação no mundo do trabalho, mas pela *posição genealógica*<sup>2</sup> que não lhe corresponde

<sup>1</sup>Na Alemanha, é comum durante a cerimônia de despedida (Aussegnungsfeier) dos mortos, o pronunciamento, apresentação de discursos e até mesmo palestras, resgatando os principais eventos e acontecimentos históricos da vida da pessoa falecida. Filhos e netos elaboraram um longo e rico discurso nesse sentido. Assim, o discurso de despedida dos filhos e netos, ao resgatar o papel que as duas pessoas velhas ocuparam no âmbito familiar, figura como um importante documento de análise.

<sup>2</sup> Grifos no original.



necessariamente”. Por outro lado, o termo geração social, em linhas gerais, relaciona-se aos movimentos sociais e políticos. Nas palavras de Britto da Motta (2010, p.175): “A geração representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo”. Dessa conceituação podemos extrair as dimensões relevantes para o processo de conceituação da categoria geração, a saber: *idade, partilha de experiências comuns, posição, conexão e unidade geracional*, os quais se relacionam nesse complexo fenômeno e revelam a geração enquanto dimensão fundante da vida social numa perspectiva mannheimiana.

Por último, é válido mencionar, conforme pontua Peixoto (2000), que ao longo do século passado, continuando no século XXI, a família passou por significativas mudanças sociais, a saber: redução da fecundidade, declínio da instituição do casamento, banalização do divórcio. Essas mudanças estão diretamente relacionadas às transformações e lutas pela igualdade/equidade de gênero. Além disso, a longevidade começou a ganhar terreno, sendo cada vez mais comum encontrar famílias, nas quais coexistem três, quatro e mesmo 5 gerações. Esse fenômeno, ainda que não seja tipicamente europeu, reflete uma, entre as diversas características, daquele continente. A grande questão é saber até que ponto o processo de individualização, mobilidade geográfica e social, forte declínio da coresidência entre as gerações tem ou não contribuído para um “enfraquecimento” dos chamados laços afetivos e/ou da solidariedade na esfera privada e especificamente na esfera familiar. Nesse veio, é válido ressaltar que para o presente estudo, a concepção genealógica de geração tem um significado de suma importância, na medida em que se relaciona à posição que um sujeito ocupa na linhagem da rede familiar.

O estudo em tela procurou responder aos seguintes questionamentos: Qual o papel desempenhado pela avó/avô e pelo pai/mãe na esfera familiar? Quais as implicações dessa perda geracional no que tange à manutenção dos tradicionais encontros familiares entre os dois filhos e suas respectivas proles? Quais as estratégias adotadas na tentativa de “compensar” o vácuo geracional? Qual o principal legado deixado pelos membros da primeira geração, os quais filhos e netos desejam perpetuar?

Além dessas questões, analisou-se, de forma mais geral, o papel da primeira geração, considerando o diferencial de gênero, no que tange à transmissão de bens culturais e simbólicos para com os netos, sobretudo para com os do filho caçula, haja vista a maior proximidade geográfica e emocional desses netos para com os seus respectivos avós paternos e vice-versa.



## 1. A QUESTÃO GERACIONAL: IMPLICAÇÕES CONCEITUAIS E RELACIONAIS

Este item tem como objetivo central tecer discussões em torno da categoria geração com base no texto canônico de Mannheim “O Problema das Gerações” (“*Das Problem der Generationen*”) e na obra “Sociologia das gerações” (“*Sociologie des générations*”) de Attias-Donfut (1988) na tentativa de compreender as nuances que perpassam o estabelecimento dos vínculos geracionais familiares tão demarcados entre pais e filhos; e entre avós e netos na família em estudo. Desta feita, encontramos o argumento de que a idade, cronologicamente ou simplesmente em termos da “ordem de nascimento”, aparece como fundamental para as estruturas familiares e geracionais (FORTES, 1984 *apud* DOMINGUES, 2002).

No entanto, essa “ordem” pode está em tensão com a ordenação social por estágios de maturação, em particular quando imaturidade ou senilidade se mostram empecilhos para o desempenho das funções que as geracionais demandam. Fortes 1984 (*apud* Domingues, 2002) considera que a família é central para a definição das gerações. Todavia, concorda-se com Domingues (2002, p.74) que não é possível “reduzir a compreensão das gerações e a sucessão biológica e sociocultural aos processos que se relacionam direta e única e exclusivamente com a célula familiar, não obstante a possibilidade de estender princípios para o conjunto da sociedade por intermédio das relações de parentesco”. Portanto, outros elementos devem ser considerados e incluídos para se atingir um conceito mais sólido e coerente de geração.

Em linhas gerais, é sabido que a geração se relaciona a uma dada modalidade particular de posição social. Quanto a isso, Foracchi (1970, p.20) ressalta que a noção de geração em Mannheim ultrapassa “as diferenças de posição social, congregando-as numa modalidade especial de similaridade de locação que abrange grupos de idades afins, inseridos no processo histórico-social”.

De acordo com Höpflinger<sup>3</sup> (2013), o termo geração tem sido comumente usado para se referir a certos agrupamentos sociais, os quais se destacaram por suas semelhanças e partilhas culturais e históricas (“geração da guerra”, “geração de 68”). Nessa perspectiva, as gerações são tidas como categorias sociais, sendo relevante nesse fenômeno a simultaneidade

<sup>3</sup> HÖPFLINGER, F. *Generationenfrage: Konzepte und theoretische Ansätze*. Acessível em: [www.hoepflinger.com/htop/fhgenerat1cm.html](http://www.hoepflinger.com/htop/fhgenerat1cm.html).



quanto ao período de nascimento e crescimento numa dada sociedade, além da partilha de experiências (interesses comuns, visão de mundo). Todavia, a concepção de geração não se restringe e nem pode se restringir somente a esses aspectos.

Apesar da similaridade da posição (*Lagerung*) geracional, e o fato dos membros de uma determinada geração se encontrarem igualmente expostos a uma mesma fase do processo coletivo, isso não quer dizer que todos irão vivenciar esse processo de forma semelhante, visto que a estratificação da experiência é um estilo comum para a estruturação da experiência de vida (FORACCHI 1970). Nas palavras do próprio Mannheim (1928, p.152): “A posição como tal apenas contém as potencialidades que podem ser materializadas, suprimidas, ou incorporadas noutras forças sociais e manifestadas de forma diferente”. Isso implica em dizer que para se partilhar da mesma posição geracional é preciso ter nascido dentro da mesma região histórica e cultural. Ademais, não se pode deixar de lado a importância das idades sobre as experiências das pessoas, mesmo entre aqueles que pertencem a uma mesma classe social, como é o caso dos membros da família em análise.

Considerando a importância da idade, Mannheim (1928) chama a atenção, com base nas ideias de Pinder (1926) para a “não contemporaneidade dos contemporâneos”. Com isso, o autor quer deixar claro que, no mesmo tempo cronológico, vivem diferentes gerações; e apesar do tempo vivido ser o mesmo tempo real, os membros dessas gerações vivem, porém todos em um tempo interior, completamente diferente do ponto de vista subjetivo (MANNHEIM, 1928). Dito de outra forma, cada indivíduo convive com homens e mulheres da mesma idade e de idades diferentes, os quais se veem confrontados com uma infinidade de possibilidades simultâneas. “Mas para cada um o “*mesmo tempo*” é um tempo diferente, isto é, ele representa um diferente *período do seu eu*, que só pode ser partilhado com pessoas da mesma idade” (PINDER, 1926, p. 21 *apud* MANNHEIM, 1938, p. 124 - grifos no original).

Avançando na discussão sociológica do termo geração, Mannheim (1928) destaca a importância da conexão geracional<sup>4</sup> (*Generationenzusammenhang*), tão central como a idade, a situação de classe, a posição e a unidade geracional para a formulação do referido conceito. Ora, se é verdade que a conexão pode levar a formação de um grupo concreto, Mannheim (1928) assinala que se trata, na verdade, de uma mera conexão, pois ainda que os indivíduos

---

<sup>4</sup> Na versão portuguesa, encontramos a tradução “geração como realidade”. Na versão de Tomizaki (2010), o termo foi traduzido como conjunto geracional. Nesse caso, o termo conexão geracional parece mais apropriado.





façam parte dela, não chegam a se perceber como um grupo concreto em si. Em suma, conforme destaca Weller (2010, p. 214): “Para a conexão geracional, não basta apenas participar “potencialmente” de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns: é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual”. Em outros termos, a conexão geracional pode ser descrita como uma participação num *destino* (Schicksal) *comum desta unidade histórica e social*” (MANNHEIM, 1928, p. 152).

Com isso temos que a posição geracional (Generationslagerung), isto é, a posição que cada geração ocupa num dado lugar e tempo social e histórico, e essa posição, e somente ela, ressalta Mannheim (1928, p.) contribui para gerar uma forma específica de viver e de pensar. Dito de outra forma, “o que define a posição geracional não é um estoque de experiências comuns acumuladas de fato pelos indivíduos, mas a possibilidade ou potencialidade de poder vir a adquiri-las.

Elucidadas as dimensões que envolvem as expressões posição geracional e conexão geracional, Mannheim (1928) chama à atenção para as unidades geracionais distintas no âmbito de uma mesma conexão geracional. Nas palavras de Weller (2010, p.215): “a unidade geracional constitui uma adesão mais concreta em relação àquela estabelecida pela conexão geracional”. Em outros termos, as unidades de geração relacionam-se às diferentes posturas, perspectivas, reações e posições políticas de determinados indivíduos para com determinado problema ou questão dada. Nesse sentido, as unidades de geração referem-se às “tendências formativas e intenções primárias incorporadas, que por sua vez, estabelecem um vínculo com as vontades coletivas” (MANNHEIM, 1928, p. 545 *apud* WELLER, 2010, p.216).

Um outro aspecto que envolve a concepção de geração, não abordado diretamente por Mannheim (1928), diz respeito à dimensão familiar ou às relações de parentesco. Segundo Mauger (2009, p. 112 *apud* TOMIZAKI, 2010, p.338): “uma geração familiar é filha de seus pais, uma geração social é, por sua vez, filha dos seus anos de formação, filha do seu tempo e de sua idade”. O fato é que gerações familiares e gerações sociais, apesar da sutil diferença entre as mesmas, estão diretamente relacionadas, haja vista que a ligação entre os membros de uma geração familiar ocorre pelos laços de parentesco, porém eles não deixam de se vincular seja através do sistema escolar ou de uma determinada configuração no mercado de trabalho. Destarte, é certo afirmar que as gerações familiares não têm como se deslocar “da realidade das gerações sociais ou históricas”. (TOMIZAKI, 2010, p.338).



Por fim, é válido frisar que a perspectiva relacional se constitui num dos parâmetros fundamentais de análise na tentativa de se compreender a formação de gerações diferentes e como ocorre o relacionamento delas entre. Neste contexto, é válido lembrar que “somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p.112). Em outras palavras, ninguém é jovem ou velho senão em relação àqueles que são reconhecidos enquanto tal e vice-versa. Além disso: “nenhum grupo pode ser reconhecido como portador de uma “inovação” se não há clareza do que exatamente seria o “ultrapassado” (TOMIZAKI, 2010, p.336). Portanto, as gerações devem ser estudadas enquanto “dinâmicas geracionais”, isto é, “o processo de ação de umas gerações sobre as outras, que se desenrola no curso de um período dado” (TOMIZAKI, 2010, p.336 *apud* ATTIAS-DONFUT & LAPIERRE, 1994). Confirmando esse pressuposto, podemos fazer menção as diferentes fases do relacionamento dos filhos para seus pais; e dos netos para com seus avós, a depender da idade e etapa do ciclo da vida em que se encontravam. Assim, ao ser questionado em torno de como se deu o relacionamento para com seus pais, o filho de 56 anos, respondeu da seguinte forma:

O relacionamento foi bastante diferente, dependendo de cada fase da vida. Fazendo uma retrospectiva, o relacionamento foi de muito amor e respeito recíproco. Mas, em cada fase, a relação foi marcada por uma intensidade diferente e, especialmente com Toni, pois eu gostaria ter feito muito mais coisas com ele do que fiz, por exemplo: viajar, ler, levá-lo para o meu mundo de participação política, para um outro presente e futuro, através da participação ativa nos movimentos sociais, protesto contra os nazistas, confrontação com temas espirituais e outras culturas religiosas. Quanto a isso, ele não tinha nenhum entendimento. Inge ocupou-se mais sutilmente com tudo isso e até escreveu um livro (...). Sim, eu gostaria que eles tivessem tido uma maior participação em “nosso” mundo. Por outro lado, podíamos sempre trazer todos os nossos amigos, celebrar juntos, de modo que nossos amigos se tornavam também amigos deles.

O depoimento acima ilustra o quão diversificado foi o relacionamento do filho para com seu pai e sua mãe, sendo notório o diferencial de gênero nesse dinamismo, visto que o filho, demonstra em vários momentos, que gostaria de ter introduzido o pai em seu mundo, o mesmo não vale para mãe, pois o mesmo se contenta com a participação dela num nível mais passivo. Do pai, o filho sempre esperou mais, haja vista a profissão exercida por ele, isto é, professor de escola técnica e ginásio, e a mãe, apesar de ser enfermeira, atuou como doméstica praticamente ao longo da vida.





É válido frisar que no presente escrito o termo „relação geracional“, da mesma forma que o termo geração, será utilizado num sentido socioconstrutivista. Logo, as relações geracionais podem ser compreendidas como „relações sociais, que são influenciadas pela consciência de pertencimento a uma geração, tendo em vista as semelhanças e diferenças, resultantes desse processo. Desse modo, as relações geracionais podem ser consideradas como uma ação social recíproca e orientada, a qual caracteriza-se por uma estrutura específica do sistema de relações (WEBER, 1972 *apud* ULBIRICH 2011). No contexto deste trabalho, o termo relacionamento intergeracional tem um lugar especial no processo de análise das falas dos sujeitos, sendo o mesmo compreendido como: [...] fruto das relações sociais concretas entre diferentes membros familiares, limitando-se, via de regra, à dinâmica familiar.

Por fim, podemos elencar como aspectos decisivos para o quadro de análise das relações geracionais e, em específico do relacionamento intergeracional, os seguintes: idade; classe social; experiências comuns (concretas ou simbólicas); relação e relacionamento com outras gerações (sucessoras ou antecessoras); conjuntura histórica (social, econômica, política e cultural) na qual se inscrevem as gerações; família e relações de parentesco. Não devendo ser subestimado nesse espectro as relações de gênero.

## **2. FAMÍLIA E RELACIONAMENTOS GERACIONAIS: ENCONTRO, AFETOS, COOPERAÇÃO E CONFLITOS EM PROXIMIDADE E À DISTÂNCIA**

Neste subitem do artigo, teceremos reflexões acerca do conceito de família, relacionando-o com a dimensão geracional. Antes de tudo, é preciso deixar claro que a categoria “família” corresponde a um termo ambíguo, pois qualquer pessoa, devido a sua experiência de vida, sabe do que se trata, por outro lado, quando se procura defini-lo sob uma perspectiva sociológica, o termo revela-se difícil e complexo.

Conforme Ulbrich (2011), é perceptível na sociologia da família de tradição alemã, o lento desenvolvimento na definição do conceito de família, tendo ficado o mesmo, durante muito tempo, bastante centrado na ideia de família nuclear, patriarcal e restrita a unidade domiciliar. Essa tendência conceitual, típica da chamada Sociologia pós-guerra, ainda perdurou até o final dos anos de 1980, mesmo com o surgimento das denominadas concepções



“pós-modernas” de família. Diante disso, a crítica principal dos anos 1990 com relação à concepção de família dirigiu-se, sobretudo aos seguintes aspectos: 1) Associação mimética do termo com o domicílio e a 2) desconsideração das mudanças que estavam ocorrendo no âmbito familiar, tendo em vista o aumento significativo de “novos” arranjos familiares (famílias monoparentais femininas e masculinas, união fora do casamento, famílias homo afetivas etc), os quais se distanciavam cada vez mais daquela concepção clássica de família restrita ao casal “homem-mulher”, constituída via casamento e limitada a uma unidade domiciliar.

Para Ulbrich (2011), a sociologia da família alemã atingiu o grau máximo de criticidade e confrontação em relação à categoria família no ano de 2003, quanto Karl Lenz pôs em xeque a validade sociológica dessa categoria, anunciando o “abandono” da mesma. Isso provocou um debate, marcado por controvérsias, do qual fizeram parte vários sociólogos, que têm se dedicado a estudar a família na Alemanha. A crítica ocorreu em torno da falta de dinamismo na concepção de família, tendo em vista o pluralismo ou individualismo que passam a marcar profundamente as relações nessa instância primeira de socialização. Ademais, questionou-se veementemente a validade do conceito de família nuclear e patriarcal, bem como o “biologismo” latente na ideia de parentesco ou consanguinidade. No mais, o domicílio, como critério para a definição do conceito de família, muito forte no contexto alemão, passa a ser relativizado. Diante dessas mudanças, Lenz (2003, p.495 *apud* ULBIRICH, 2011, p. 14) assegura a importância de se considerar outras dimensões, as quais são de grande e igual importância no processo de conceituação de família: “A união de duas ou mais gerações, as quais se relacionam de uma forma específica e pessoal”. Aqui não importa se os laços são de parentesco ou consanguíneo, mas, sobretudo, a existência de afetos para além do mero espaço domiciliar.

Outro conceito, suscitado por ocasião do debate em torno da validade sociológica do conceito de família, foi sugerido por Huinink (2008, p.24 *apud* ULBIRICH, 2011, p.14):

Uma família é uma estrutura de relações ou um grupo social, cujos membros podem estar ligados através da relação pais-filhos, porém não se restringe a tipo de relação de parentesco; eles [membros familiares] relacionam-se entre si através de laços afetivos, independente de morarem ou não no mesmo domicílio.



A família trigeracional (avós, pais, filhos e netos), ressalta Huinink (2008 *apud* ULBIRICH, 2011) pode ser constituída por subestruturas, que por sua vez, já representam famílias. Os pais da geração intermediária (segunda geração), os quais ainda possuem pais (primeira geração) constituem com seus filhos (terceira geração) uma espécie de “família-parte” (“(Teil)Familie”). Em suma, nessa concepção de família não importa a união dos indivíduos via casamento com vistas a procriar ou não. Aqui, o foco central é a ideia de conexão geracional (Generationenzusammenhang), a qual figura como relevante para a constituição daquilo que podemos denominar de família. Nesse aspecto, fica em aberto o tipo de laço que une as pessoas, podendo ser consanguíneo ou meramente afetivo, assim como a questão da coresidência. Enfim, essa concepção traz consigo a ampliação do conceito de família para o sentido de uma constelação multigeracional, ultrapassando a perspectiva centrada na ideia de duas gerações, isto é, na família bigeracional. Essa concepção de família estendida é perceptível na fala da neta Luiza, de 21 anos: “*Eles [avó e avô] me tornaram a pessoa que sou hoje. Eu passei a minha infância com eles. Eles me ensinaram tantas coisas, que eu nunca teria aprendido na minha casa, por causa deles fui para o Ginásio e tenho Abitur*”<sup>5</sup>.

O conceito ampliado de família, numa perspectiva multigeracional, corrobora a validade sociológica das relações geracionais entre jovens, adultos e velhos no sentido de melhor compreender o amplo espectro que envolve o dinamismo da(s) família(s). A ampliação da concepção de família para além do espaço-físico-comum ganha validade empírica para o contexto do objeto desta pesquisa. Não é mera coincidência o fato de a segunda neta mais velha reconhecer que a morte da avó e do avô significou uma redução daquilo que a mesma concebia como central na família: “*O centro da família se foi*”. *Nossa segunda casa será desfeita*” (LUIZA, 21 anos). Além disso, os relatos dos dois filhos expressam uma concepção de família para além do aspecto bigeracional, tendo em vista o lugar que a geração de seus pais ocupava: “*Centro do mundo familiar*”. (FLORIAN, 58 anos). “*Porto-seguro e lugar de encontros familiares*” (KITU, 56 anos).

A intensidade e a forma dos encontros entre os membros familiares podem nos revelar as nuances que envolvem a centralidade da primeira geração no âmbito da família em estudo.

---

<sup>5</sup> O termo *Abitur* corresponde a um prova realizada ao final do ensino médio, cuja aprovação define o ingresso, a depender da nota, em qualquer curso das universidades alemãs.



Ao ser questionada com que frequência costumava se encontrar com seus avós, a neta Luiza respondeu o seguinte: “*Quando criança, todos os dias; como adolescente, de duas a três vezes na semana; mais tarde, uma vez por semana ou a cada 2/3 semanas*”. É notória a grande aproximação da neta para com os avós, primeiramente devido à proximidade geográfica, segundo devido à importância dos avós em relação a sua formação como pessoa em geral. Isso pode ser confirmado pela frequência dos encontros presenciais, ainda que tenham se tornado menos intenso com a chegada da adolescência, não quer dizer que não mantinham contatos através de outros meios. Nos últimos tempos, a neta passou a visitá-los menos, pois passou a morar em outra cidade, devido aos estudos, mesmo assim, o contato via e-mail e telefone serviu para mantê-los em contato constante.

O filho mais velho relatou que, quando estava na Alemanha, costumava encontrar-se com seus pais, sobretudo em 2012, a cada 2 ou 3 semanas. Já o filho mais novo relatou o seguinte:

Nos últimos dois anos, estive com eles de duas a três vezes na semana. Quando eles começaram a piorar, dormia na casa deles com bastante frequência. Acho que sempre quando eles precisavam de nós, estávamos lá de forma mais intensa. Antigamente, nos telefonávamos a cada 4-8 semanas no máximo e escrevíamos com mais frequência. Isso mudou quando o mundo deles ficou mais próximo da família.

É possível apreender, através do relato do filho caçula, a maior proximidade dele para com os pais. Em primeiro lugar, isso se deve ao fato dele residir muito próximo deles, ao contrário do irmão mais velho, que, apesar de residir na mesma cidade, morava em um bairro mais afastado. Em segundo lugar, essa proximidade geográfica e afetiva do caçula pode ser explicada também pelo fato de suas duas filhas e filho dependerem bastante, sobretudo do avô para fazer as tarefas escolares, visto que não podiam contar muito com o pai e nem com a mãe, devido à baixa escolaridade dela e a ausência do pai devido ao trabalho e às viagens. Com isso, podemos compreender o fato da casa dos avós figurar, literalmente, como a segunda casa para os netos, não sendo isso válido para filhas do primogênito, pois a tarefa de acompanhá-las nas atividades escolares era desenvolvida pela mãe.

Portanto, as observações feitas por Peixoto (2000) de que grande parte dos estudos sobre as relações familiares considera a proximidade geográfica como elemento fundamental



para a solidariedade familiar e a criação de laços afetivos, é válido para o caso da família do caçula. Porém, conforme ressaltara a mesma autora, isso não se constitui numa regra absoluta, pois as netas do filho mais velho, apesar de não morarem no mesmo bairro dos avós, não residiam tão longe assim, ao ponto de se encontram quase que exclusivamente por ocasião de eventos festivos tradicionais, como Páscoa, Natal etc. Apesar disso, avós e netas mantinham contatos frequentes via telefone e e-mail, confirmando aquilo que podemos denominar de “*intimidade à distância*”.

Kruse (2007) assinala que desde 1960 o relacionamento entre filhos adultos e pais tem-se sido marcado pela expressão “*intimidade à distância*”. Essa expressão indica a manutenção e cultivo dos laços afetivos entre jovens e velhos, ainda que pais e filhos residam em moradias separadas. A preferência pela residência própria reflete a opção individual (e social) dos membros jovens e velhos da família. Exatamente essa separação espacial parece ter impactos positivos no que se refere às relações entre as gerações. Em outros termos, a coresidência entre pais, filhos e netos é algo pouco comum entre os alemães, o que não quer dizer que os laços e as trocas geracionais no âmbito familiar sejam mais fragilizados do que em outros contextos. Na verdade, as relações e os relacionamentos geracionais familiares podem ser resumidos em “*intimidade, porém à distância*”.

A intimidade dos pais para com seus filhos e netos, seja ela “*próxima ou à distância*”, pode ser confirmada através do tipo de tarefas que costumavam a desempenhar juntos: “*Conversar, “estar lá”, fazer algumas viagens, por exemplo, ir a Würzburg e a Gemünden, a cidade natal de Toni e de seus pais, respectivamente*” (FLO, 58 anos). Percebe-se que o filho mais velho faz apenas relato das atividades que costumava realizar com seu pai, deixando de mencionar àquelas que porventura costumava realizar com sua mãe, as quais estavam mais restritas ao âmbito doméstico, como por exemplo: cuidar do jardim. O caçula faz um relato mais intenso e mais relacionado às festividades familiares:

Celebrávamos, sobretudo as festas tradicionais como o Natal e a Páscoa. Na Páscoa, procurávamos cestas de páscoa para todos. Algumas vezes, Toni escondia tão bem essas cestas que levavam meses até encontrá-las de novo. No Natal, reunia-se toda a família. Viajávamos de “trailer” para Ehringsfeld com as crianças para procurar cogumelos e passear um pouco em Hausberg. Agora, as crianças herdaram esse terreno com floresta e prados e talvez um dia irão lá com seus respectivos filhos.



O relato do filho caçula revela a importância da primeira geração no que tange aos tradicionais encontros em família. Apesar de fazer menção somente ao pai, isso não quer dizer que a mãe não tenha tido um papel central na manutenção dessas „tradições“. O interessante é perceber a proximidade do relato da neta com o de seu pai: „*Brincar, ler em inglês e francês, desenhar, fazer álbum de artes, trabalhar no jardim, bordar e costurar, brincar no jardim com flores e água, ajudar no jardim, fazer as tarefas escolares, viajar para Ehringsfeld para procurar gogumelos, contar histórias*“. Apesar de haver atividades que eram realizadas de forma conjunta, isto é, tanto com a avó e o avô, havia aquelas que eram realizadas de forma específica comum um deles, sendo possível afirmar a existência de uma „tradicional divisão sexual“ dessas tarefas, sendo realizadas com o avô: „*ler em inglês e francês, fazer as tarefas escolares*“ e com a avó: „*bordar e costurar, ajudar no jardim*“. Aqui fica bastante delimitado os papéis assumidos pelos membros da primeira geração familiar para com sua segunda neta mais velha, havendo uma delimitação de papel de acordo com o gênero.

Quanto aos laços afetivos entre os membros da primeira e terceira geração, não há dúvidas de que a proximidade entre eles dependia da forma como a primeira geração se relacionava com seus filhos e respectivos cônjuges. Essa constatação feita por Peixoto (2000), ao comparar os laços afetivos entre avós e netos no Rio de Janeiro e em Paris, pode ser percebida no caso dessa família alemã. Logo, é visível que a proximidade do caçula para com seus pais, pode explicar também a maior ligação de seus filhos para com os respectivos avós paternos. Além disso, havia uma grande proximidade afetiva da esposa do caçula para com os seus respectivos sogros. Portanto, uma das explicações para uma maior proximidade dos 3 netos do caçula para com os seus avós está relacionada tanto à proximidade geográfica e afetiva de seus respectivos pais para com seus avós, além da segunda geração depender da primeira para auxiliar os netos nas tarefas escolares.

Por fim, não há dúvidas de que no caso da família em estudo, os avós assumem uma posição de destaque, sendo os laços afetivos entre pais e filhos, avós e netos muito fortes. Todavia, isso não quer dizer que esses laços também não fossem permeados por conflitos. Conforme Lins de Barros (1987, p.47), em referência a Simmel (1983): “A existência do conflito nos grupos sociais advém, na sua cooperação, da própria característica da natureza humana, que não permite ao indivíduo se relacionar com outro apenas por um laço”. O fato é que a concepção de conflito permeia todas as relações sociais e se manifesta mais nitidamente





nas relações que têm um caráter mais afetivo. Isso serve como pano de fundo para se compreender o dinamismo das relações entre os entrevistados e seus pais e/ou avós. Diante disso, recorreremos ao relato do filho caçula quanto ao confronto de ideias e, sobretudo visão de mundo (*Weltanschauung*) em relação à mãe e ao pai:

Como pode o Toni ser tão teimoso? Ele nunca me visitou no meu mundo, na residência em Nürnberg e Bremen, na Àfrica e no Brasil. Era muito „parado“ quando não era seu plano e recusava quase todo tipo de convite e proposta que eu fazia. (...) E a Inge? Brigamos até o último ano acerca do facismo alemão. Não podíamos nunca chorar ou lamentar juntos acerca do que ocorreu na Alemanha, sobre o que os nazistas fizeram com seu império, a aniquilação da esquerda e o holocausto racista. Vivenciamos a crítica acerca da estrutura e mecanimos do nazismo através dos livros, filmes e das pessoas, e não através de Inge e Toni. (...) Minha mãe, traumatizada pela guerra, sempre reclamava dos poloneses e suas atrocidades. Que os nazistas destruíram a classe de intelectuais poloneses e 30.000 pessoas; que 2 milhões de poloneses foram classificados como judeus e foram assassinados em massa, sobre isso, ela nunca falou ou escreveu nada. Isso teria haver com um papel inconsciente de culpa dela? Ela queria ser compreendida e defender seu pai, que além de mesquinho, foi coloborador e membro do partido nazista: „Ele tinha que fazer parte do partido enquanto diretor do banco, senão ele pederia seu emprego e ele queria somente proteger sua família“. (...) Na verdade, Inge queria controlar tudo. Ela era a „presidente secreta“ e isso foi muito positivo para Toni e para a organização da casa, mas também muito problemático. (...) Toni não levava ninguém a sério, ele era como um grande „brincalhão“ e encarou a vida dessa forma.

O relato do filho caçula revela a pertinência sociológica de Mannheim (1928) quanto ao trato sociológico que deve ser dispensando ao problema das gerações, não podendo o mesmo ser restrito apenas ao plano micro ou macrosociológico. Nesse sentido, sua proposta de superação da oposição existente entre objetivismo e subjetivismo é fundamental para se entender a questão geracional. Portanto: “Mannheim compreende as gerações a partir de suas relações com o meio social (*milieu*), os sexos, a faixa etária, dentre outros aspectos” (WELLER, 2010, p.218). Essa perspectiva explica de forma coerente o conflito de ideias entre o filho e o pai, entre mãe e filho e vice-versa, visto que as relações geracionais perpassam os diferenciais de idade, experiências comuns partilhadas, a relação entre os gêneros, às diferenças e aproximações geracionais, as quais revelam que o tempo social não é o mesmo para os indivíduos, não sendo possível descartar nessa dinâmica os desafios impostos pela sucessão das gerações em relação aos acontecimentos e vivências históricas concretas. Desse modo, os



conflitos entre o caçula e seus pais revelam também certa “imposição” do saber do primeiro para com os últimos, visto que o mesmo se sentia bastante “incomodado” pelo fato seus pais não serem contemporâneos ao seu tempo. Quanto às ideias conservadoras da mãe em relação ao nazismo, o filho deixou de mencionar a diferença entre ela e seu pai, igualmente vítima da guerra, o que confirma “a não contemporaneidade do contemporâneo”.

### **3. AS DIVERSAS FACES DAS TRANSMISSÕES ENTRE AS GERAÇÕES**

As tendências demográficas nas sociedades europeias revelam como fato irreversível o envelhecimento da população. Ao lado desse dado, surge o debate em torno da (in)validade do conceito de “solidariedade entre as gerações”. No centro da discussão, são apresentadas análises fatalistas, as quais podem ser encontradas, sobretudo em discursos políticos e na imprensa escrita e falada de forma geral (ULRICH, 2010). A mídia propaga o discurso de que o aumento da longevidade tem contribuído para a suposta quebra do contrato entre as gerações. Com isso, procura-se divulgar a ideia de que o maior número de pessoas velhas e o menor número de jovens e crianças por si só irão ocasionar a quebra da solidariedade pública entre as gerações num futuro próximo, sendo as pessoas velhas, rotineiramente taxadas de “carga pesada” para o sistema de aposentadoria e do bem-estar social em geral.

Além do exposto acima, é comum, a mídia repassar a ideia de que as ajudas e as trocas mútuas entre as gerações familiares tornaram-se cada vez mais raras. Essa perspectiva desconsidera as pesquisas, as que têm confirmado que as ajudas, sobretudo as de caráter financeiro, no contexto intergeracional, têm ocorrido, quase que exclusivamente, dos avós aos filhos, netos e bisnetos. Ademais, é fato que os laços de solidariedade se tornam cada vez mais frequentes e fortes quando a chamada “solidariedade pública” passa por mudanças e ou restrições financeiras (ATTIAS- DONFUT, 1988).

No contexto alemão, Kruse (2007) contesta a hipótese de que velhos, filhos e netos teriam poucas coisas para trocar entre si. Isso é tão falso quanto a premissa de que, em caso de doença crônica e dependência, os velhos podem raramente contar com seus filhos. Estudos têm demonstrado exatamente o contrário: No âmbito da família ocorrem estreitas relações entre velhos e jovens, as quais são vividas como forma de enriquecimento e aprendizagem entre os



membros familiares. Além disso, assinala o autor que cerca de 80% das pessoas velhas com doenças crônicas são cuidadas pelos membros da família. Além disso, a rede social da maioria das pessoas velhas alemãs caracteriza-se pelo forte contato entre os membros familiares de diferentes gerações. No caso da família em foco, tanto a avó/mãe e o avô/pai foram cuidados pelos filhos e netos, tendo sido acompanhado por eles durante todo o processo de doença até o falecimento dos dois. Para o caçula foi muito importante que seus filhos participaram ativamente de todo o processo de morte dos avós:

A morte de Toni de certa forma tirou um pouco do medo que as crianças tinham dela. A morte foi vivenciada e experimentada. Benni [o filho] estava presente quando Inge morreu. Janna [filha caçula] cuidou da avó noites a fora e Luiza visitou o Toni um dia antes de ele morrer. Comemoramos e nos entristecemos juntos. Isso nos ajudou e nos tem feito muito bem até hoje.

O relato da neta Luiza é revelador da proximidade que havia entre ela e seus avós. Questionada sobre como ela tem enfrentado a morte dos avós, a mesma respondeu da seguinte forma:

Para mim, foi um consolo saber que meus avós estão unidos novamente e que foram enterrados juntos, da maneira como eles tinham desejado. Para minha avó, acho que foi o melhor, senão ela teria sofrido muito por conta da doença. Ela vivenciou o 61º aniversário de casamento e a mais importante festa da família: a noite de natal e terminou o ano de 2012. Isso foi muito simbólico para mim. Mas meu avô ainda não tenho conseguido deixá-lo ir, ele ainda estava tão presente, tinha claros e profundos pensamentos e nós ainda queríamos vivenciar tantas coisas juntos. Penso neles todos os dias.

A fala da neta ilustra o significado que os avós tinham em sua vida. Ela tem consciência de que a morte da avó foi o melhor caminho para encerrar as dores ocasionadas pelo câncer e processo de demência, porém tem dificuldade em lidar com a morte do avô, ocasionada por problemas cardíacos, cuja memória permaneceu intacta até os últimos segundos de sua morte. A morte dele implicou na quebra da continuação das trocas de bens e valores culturais entre a geração dela e a do avô, os quais os mesmos tinham firmado entre si desde a mais tenra infância. Com isso, temos que a troca entre os membros da primeira e terceira geração era bastante forte no caso dessa família.



Questionada sobre o significado dos avós em sua vida, a neta respondeu o seguinte: *“Muito. Eu sempre podia contar com eles! Eles me ajudaram em cada problema e sempre tinham um ouvido aberto para mim. Eu me sentia amada por eles e eu os amava muito também. Eu, os honrei. Isso é importante”*. O filho mais velho deu a seguinte resposta: *“Recuo, compreensão, confiança, coisas que aprendi sempre e me renovaram”*. Já o caçula fez o seguinte relato:

Segurança, espiritual e material. Não ter nenhum medo do presente e do futuro e ousar em dar outros passos (...). Nós, enquanto “filhos sortudos”, nos preocupávamos menos com os pensamentos relacionados à carreira e pudemos superar a ganância da família de minha mãe. Maravilhoso, e isso deu certo, acredito. Espero continuar passando isso para meus filhos: generosidade com economia.

Os relatos dos dois filhos e da neta expressam o sistema de trocas e ajudas mútuas que existia entre pais e filhos e entre avós e netos. Essa transmissão não estava restrita apenas a aspectos materiais, nem a valores e saberes. Na verdade, havia um sistema múltiplo de trocas que os filhos e netos fazem questão de carregar consigo por toda a vida. Ao serem questionados se haveria alguma coisa que gostariam de continuar transmitindo que havia aprendido com seus pais/avós, foram obtidas respostas relacionadas a valores sociais, culturais e morais, além de aspectos referentes à sabedoria e a conhecimentos em geral. A neta respondeu que irá continuar transmitindo a *“abertura e a generosidade”*. O filho mais velho escreveu o seguinte: *“Abertura, saber escutar, cultivar relações, manter interesses e entusiasmos. Com confiança, não perder o caminho no meio da confusão”*. Com isso temos que os membros da primeira geração, além da segurança material, acabaram repassando às gerações sucessoras valores importantes, os quais os filhos/netos desejam continuar transmitindo no decorrer de suas vidas.

Enfim, para compreendermos melhor a importância dos membros da primeira geração na vida de seus filhos e netos, procuramos investigar quais as implicações que a morte dos dois trouxe para a vida dos demais membros familiares e obtivemos as seguintes respostas: *“O centro da família se foi, nossa segunda casa será desfeita”* (LUIZA, 21 anos). O filho caçula fez um relato longo, cheio de reflexões e questionamentos, relevando uma mão dupla no processo de sucessão geracional:

A pressão de que poderíamos ainda fazer tantas coisas juntos e o pânico em deixar tudo isso passar, sumiu. Agora, eu tenho que fazer minhas escolhas e



decisões. É como um ciclo que foi concluído, ao mesmo tempo alegre e triste. Estou mais livre para seguir no mundo. Se fico com a casa deles, que é um legado, isso me prende ao lugar deles, como eles queriam (...)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e análise dos textos escritos pelos filhos e netos, tanto quanto ao roteiro de entrevista e ao discurso por ocasião da morte dos respectivos pais e avós são reveladores do imenso “legado” cultural, material e de valores morais em geral. A segunda geração teme em não manter as tradicionais festas e encontros familiares, visto que não há mais quem possa exercer o papel e o poder que a primeira geração tinha de unir os dois irmãos e suas respectivas proles. A frase do filho mais velho sintetiza essa inquietação: “*Se a “grande” família ainda irá continuar junta, eis a questão*”. Na verdade, não será apenas a casa de seus pais que deixará de existir, mas a continuidade dos festejos e encontros tradicionais entre amigos, os quais contribuíam para aproximar os dois irmãos e seus respectivos familiares. Como o encontro entre eles, restringe-se comumente aos festejos em geral, organizados pelos seus pais/avós, a morte deles deixa uma lacuna e um questionamento acerca da “tradição familiar”. Por outro lado, para os netos, a referência que dispunham no momento dos conflitos familiares e/ou pessoais deixou de existir. O mesmo vale para os filhos e noras, os quais nas mais diversas dificuldades e/ou problemas cotidianos recorriam aos membros da primeira geração.

Sem lugar a dúvidas, houve uma diversidade de transmissões entre pais/filhos e avós/netos e vice versa, sendo as gerações sucessoras herdeiras de vários bens materiais da primeira geração e acima de tudo bens culturais, como o aprendizado de línguas estrangeiras (inglês, espanhol e francês), o gosto pela leitura, e valores morais, a exemplo da generosidade, mencionada pela neta e pelos dois filhos. Em suma, pode se apreender que os pais/avós eram o “porto seguro” que filhos e netos podiam contar em qualquer ocasião da vida, tendo em vista a abertura que os mesmos possuíam das mudanças em geral, tanto no âmbito privado e social.

Enfim, a perda de uma geração familiar por completo leva a geração sucessora a se questionar quanto à sua própria posição geracional. Isso pode ser sintetizado através do depoimento do filho caçula:



O que significa a morte de nossos pais”? “A sorte de poder organizar e vivenciar o processo da morte, no qual a dignidade dos nossos pais deve estar acima de tudo. A sorte de poder olhar para acontecimentos intensos da vida e de conhecimentos de décadas, dos quais agora nós, Flo e eu, somos completamente órfãos. Que agora finalmente somos adultos e que ninguém mais nos chamará de “seus filhos”. Agora, no nosso clã, somos, ao mesmo tempo, os “velhos”, isto é, a geração que traz o cetro na mão e os próximos que irão morrer (KITU, 56 anos).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Solidarités et entraides entre générations. In: SINGLY, François de. (org.) et. al., *La famille en questions: l' état de la recherche*. Paris, Syros, 1996.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Conscience de génération et génèse de l' historicité. In: \_\_\_\_\_. *Sociologie des générations*. Paris: PUF, 1988. p.187-206.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Effets de génération, effets d' âge, effets de période. In: \_\_\_\_\_. *Sociologie des Générations*. Paris: PUF, 1988. p.144 -162.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. Le double circuit des transmissions. In: \_\_\_\_\_. *Les solidarités entre générations (vieillesse, famille, état)*. Paris: Nathan, 1995. p.41-81

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 112-121.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Teoria das gerações na perspectiva de gênero. In: *Feminismo, desenvolvimento e direitos*. Multiplicidade de questões feministas. REDOR/NEPIMG/UFS, 2005.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. In: *Tempo Social, Revista de Sociologia*. USP. São Paulo. 14(1), maio de 2002, p.67-89.

FORACCHI, Marialice M. O conflito de gerações. In: \_\_\_\_\_. *A Juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo: Pioneira. 1972. p.19-32.

HÖPFLINGER, François. Generationensfrage: Konzepte und theoretische Ansätze. In: *Generationen: Konzepte und Theorien*.

KRUSE, Andreas (2007). *Was stimmt? Alter: die wichtigsten Antworten*. Freiburg, Basel, Wien: Herder.

LINS DE BARROS, Myriam M. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

MANNHEIM, Karl. Das Problem der Generationen. In: \_\_\_\_\_. *Wissenssoziologie* [introdução e organização: Kurt H. Wolff], Neuwied: Luchterhand, 1964, pp. 509-565.





MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. In: MANNHEIM, Karl. *Sociologia do Conhecimento*. Porto, Portugal: Res Editora, [s.d.], p.115-176.

MAYRING, Philipp . *Qualitative Inhaltsanalyse*. Grundlage und Techniken. 5. Auflage. Weinheim: Deutscher Studien Verlag, 1994.

MAYRING, Philipp. *Qualitative Inhaltsanalyse* [28 Absätze]. Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research. 1(2), Art. 20, 2000. Disponível em: <http://nbh-resolving.de/urn:de:0114-fqs000204>.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Avós e netos na França e no Brasil. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François de; CICCHELLI, Vincenzo (Eds.). *Familia e Individualização*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.

TOMIZAKI, Kimi. Transmitir e Herdar: O Estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. In: *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 111, abr.-jun. 2010, p. 327-346. Disponível: em <http://www.cedes.unicamp.br>

ULBIRICH, Katharina. *Familiale Generationenbeziehungen und der Übergang in die Elternschaft : Eine qualitativ kulturvergleichende Studie*. Dissertation. Dresden: Institut für Soziologie, TU Dresden, 2001, p. 333.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações em Mannheim. In: *Revista Sociedade e Estado*. V.25. N.2. Maio/agosto, 2010, p. 205-224. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922010000200004&script=sci_arttext)

WELLER, Wivian. Karl Mannheim: Um Pioneiro da Sociologia da Juventude. In: ANAIS XIII CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE. GT26: *Sociologia da Infância e da juventude*, p.1-15. Disponível em: <http://www.espm.br/ConhecaAESPM/CAEPM/nucleodeestudosdajuventude/Documents/Banco%20de%20Dados%20Jovens/10.%20SOCIOLOGIA%20DA%20JUVENTUDE/10.23.%20mannheim%20sobre%20sociologia%20da%20juventude.pdf>